



**JUDITH TEIXEIRA, UMA «POETISA DE VALOR» *VERSUS* «UMA
DESAVERGONHADA»**

JUDITH TEIXEIRA, «A VALUABLE POET» *VERSUS* «A SHAMELESS WOMAN»

Andreia OLIVEIRA¹

Resumo: Focando-se na receção crítica da poesia de Judith Teixeira na época da sua publicação em jornais e revistas portuguesas, este artigo visa a análise do teor dos comentários que lhe foram feitos, colocando em confronto duas perspetivas que correspondem, respetivamente, a dois tipos de critérios distintos: o literário e o moral. Nesta linha de sentido, expõe e comenta igualmente o contexto sociocultural e as polémicas literárias em que a autora esteve envolvida (*Literatura de Sodoma*, em 1923, e a controvérsia causada pelo livro *Nua. Poemas de Bizâncio*, em 1926) e a defesa pública do seu trabalho e das suas motivações que se viu obrigada a apresentar.

Palavras-chave: censura; polémicas literárias; autoria feminina; receção crítica; literatura portuguesa.

Abstract: Focusing on the critical reception of Judith Teixeira's poetry at the time of its publication in Portuguese newspapers and magazines, this article aims to analyze the content of the comments made to her, confronting two perspectives that correspond respectively to two types of distinct criteria: the literary and the moral. Along these lines, it also exposes and comments on the sociocultural context and the literary controversies in which the author was involved (*Literatura de Sodoma*, in 1923, and the controversy caused by the book *Nua. Poemas de Bizâncio*, in 1926) and the public defense of her work and her motivations that she was compelled to present.

¹ Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC) da Universidade de Aveiro; Centro de Literatura Portuguesa (CLP) da Universidade de Coimbra. Email: andreia.oliveira17@gmail.com / andreia.foliveira@ua.pt.



Keywords: censorship; literary polemics; female authorship; critical reception; Portuguese literature.

Versos como “(...) Ó Vénus sensual! / Pecado mortal/ do meu pensamento! / Tens nos seios de bicos acerados, / num tormento, / a singular razão dos meus cuidados” (TEIXEIRA, 2015, p. 47), de “A Estátua”, “(...) Fitaram-se as bocas sensuais! / Os corpos subtilizados, / femininos, / entre mil cintilações/ irreais/ enlaçaram-se/ nos braços longos e finos!” (*idem*, p. 60), de “Perfis Decadentes” ou ainda “(...) Sobre a nudez moça do teu corpo, / dois cisnes eretos/quedam-se cismando em brancas estesias, / e na seda roxa/do meu leite, /em rúbidos clarões, / nascem, maceradas, / as orquídeas vermelhas/ das minhas sensações”, de “Ilusão” (*idem*, p. 136), fazem parte de um conjunto de poemas publicados por Judith Teixeira durante a década de 20 do século XX e que foram lidos pelos seus contemporâneos, motivando apreciações de diversa índole sobre a sua obra. Deste modo, as linhas que se seguem centram-se sobretudo na análise da receção crítica dos seus livros no momento em que vieram a público e nos critérios que lhe são subjacentes, considerando textos de jornais e revistas portuguesas (meio profícuo de opinião, divulgação e crítica literária), em estreita ligação com o enquadramento cultural e político, os valores em que assentava a sociedade portuguesa e com a controvérsia em torno da poetisa, servindo-se da polarização que sintetiza a forma como é perspetiva: «poetisa de valor» ou «uma desavergonhada»².

No centenário da publicação dos livros de poesia *Decadência* e *Castelo de sombras*, recorde-se que a primeira polémica em que se envolveu a propósito do primeiro ficou conhecida na história literária como *Literatura de Sodoma*. Mas a participação de Judith Teixeira no meio literário e cultural é ampla. Em 1925, ocupou o cargo de dirigente da revista *Europa*, que, mesmo tendo a curta duração de apenas três números, se assumiu como uma publicação cosmopolita e integrou diversas secções relacionadas com diferentes vertentes culturais da atualidade portuguesa e internacional, recebendo o contributo de personalidades como Florbela Espanca, com o soneto “Charneca em flor”, Aquilino Ribeiro, Almada Negreiros ou Mário Eloy. Sobre *Europa*, não deixe de se assinalar que “Por trazer a literatura

² Este texto constitui uma reflexão ampliada desenvolvida a partir do trabalho de investigação apresentado na tese de *Doutoramento Secreto é o ruído dos corpos: erotismo e feminino na poesia de Judith Teixeira, Yolanda Morazzo, Maria Teresa Horta e Paula Tavares* (OLIVEIRA, 2021) e que conta com novos dados e referências.



de modo crítico ou por vezes até aleatório (...) consiste num periódico reflexivo variado, o que o torna uma revista única, incomparável com as revistas da mesma época em termos de estrutura e conteúdo” (BONILHA, 2017, p. 279).

A publicação de *Nua. Poemas de Bizâncio*, em 1926, está no cerne da segunda polémica em que a autora esteve envolvida, mas, desta vez, a sua voz e a sua resposta concretizaram-se em *De Mim. Conferência em que se explicam as minhas razões sobre a Vida, sobre a Estética, sobre a Moral*, no mesmo ano, e que se aproxima de uma defesa pública das suas opções artísticas e estéticas. Entre 1926 e 1928, a colaboração de Judith Teixeira em revistas e periódicos é frequente, como exemplificam as publicações no quinzenário literário *Nova arcada* e na revista *Terras de Portugal*.

As duas novelas que compõem *Satânia* constituem o último trabalho conhecido da autora, uma vez que, no final do livro, há a indicação da publicação breve de outras três obras que testemunham a sua pluralidade de registos de escrita: *Labareda – drama em três atos* (prosa), *Taça de labaredas* (poesia) e *Sulcos – novelas*. Todavia, até ao momento e apesar do trabalho de investigação dos estudiosos da sua obra, não existe nenhuma pista acerca do paradeiro destes manuscritos, conhecendo-se apenas o seu título e género literário. É desta forma que Judith Teixeira desaparece do cenário literário e cultural português no final dos anos 20, reaparecendo apenas onze anos depois, em 1938, assinando os textos do *Suplemento literário* do *Diário de Lisboa* de 20 de janeiro e 7 de abril que se intitulam “O desemprego do espírito” e “A política da família” (respetivamente) e que são atualmente conhecidos graças ao trabalho de pesquisa de Martim Gouveia e Sousa (2001) aquando da elaboração da sua dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Aveiro (cf.2001, p. 22). Saliente-se imediatamente a aguda diferença entre as características temáticas e literárias de Judith Teixeira e estes dois textos publicados no jornal que se direcionam para questões sociais e familiares e que causam estranheza, considerando as informações conhecidas acerca da sua autora. Deste modo, adensa-se o mistério, tendo em conta o longo período em que esteve ausente da vida pública e editorial. Esta é, afinal, a última informação sobre o seu trabalho. Sabe-se também que esteve presente no jantar de homenagem à jornalista, escritora e ativista Maria Lamas a propósito do seu afastamento forçado da revista que dirigia, a *Modos & Bordados – Vida Feminina* (PRATES, 2010,p. 439-440)³. Este *descaso sui generis* da

³ De acordo com Maria Luzia Prates, esta indicação consta do espólio de Maria Lamas (Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 40, referência 2.88).



literatura portuguesa acaba por se tornar ímpar e incomparável estimando não só o percurso biográfico da poetisa e ficcionista, mas também o seu atribulado trabalho literário, especialmente pela celeuma e polémica que causou ao aludir a temas tabu como o prazer e/ou a homossexualidade feminina no seio de uma sociedade inflexível e conservadora que desde cedo a ostracizou, desenhando-se, então, um cenário de exclusão por questões morais, literárias e sociais. Cláudia Pazos-Alonso refere que o subtexto lésbico constitui o motivo principal de marginalização de Judith Teixeira (ALONSO, 2015). As controvérsias em que esteve envolvida, para além de contribuírem em grande parte para o seu afastamento definitivo da literatura e da História da literatura durante décadas, constituem momentos-chave para a análise da receção crítica da sua obra, que foi pautada pela coexistência de duas posturas e visões contrastantes. Se uma dá conta da valorização da autora enquanto artista comentando a sua poesia exclusivamente tendo por base critérios de análise literária, a outra assenta num julgamento inteiramente moral cujas raízes se encontram em diversos preconceitos relativamente à condição feminina, à sexualidade, ao prazer e ao erotismo. Isto explica as diferentes críticas, textos, testemunhos e opiniões que serão aqui apresentados e comentados, em linha com os dois grandes momentos de turbulência no meio literário em que Judith Teixeira esteve presente.

A já mencionada polémica *Literatura de Sodoma*, que começara meses antes, ainda no ano anterior, na verdade não tem Judith Teixeira como ponto de partida, mas o posicionamento de Fernando Pessoa a propósito do trabalho literário de um jovem poeta



nascido em Concovada, Abrantes, chamado António Botto⁴. Jorge de Sena assinala o seu percurso profissional e o seu contacto com os grandes escritores portugueses do seu tempo:

Empregado muito jovem numa livraria-editora lisboeta, aí granjeou a simpatia de escritores já eminentes nos anos 10 e 20, que admiraram e incentivaram o seu precoce talento literário (ter-se-á estreado nas letras em 1912), muito antes de Fernando Pessoa aclamar as suas *Canções* em 1922 (1984, p.65).

Porém, Pessoa não só foi um dos seus mais acérrimos defensores como também um dos mais fervorosos admiradores do seu trabalho, como comprova o texto “António Botto e o ideal estético em Portugal” no nº 3 da *Contemporânea* de julho de 1922, bem como a série de cartas endereçadas a José Pacheco onde elogia o trabalho de Botto, chegando a tecer comentários como

Disse eu que António Botto se afasta de toda a moralidade no modo por que canta a beleza física, e que se afasta de toda a imoralidade no modo por que canta o prazer. De que modo canta ele o prazer? Que modo há-de cantar o prazer que, sem ser moral (porque se o fosse, estaríamos fora do caso estético), se afaste da imoralidade? (1922, s/pág.)

ou “A arte do Botto é integralmente imoral. Não há célula nela que esteja decente. E isso é uma força porque não é uma hipocrisia, uma não complicação” (1998a, p.406), em carta datada de 17 de outubro de 1922. É também noutra carta a Pacheco que Pessoa menciona os insultos ao poeta que o seu texto na revista causou (1996, p.78), o que se justifica pelo facto de o poeta modernista fazer a defesa da qualidade literária de António Botto. No seu entender, não só este seria o único poeta português merecedor do título de esteta como a homossexualidade patente nos versos de *Canções* não deveria constituir um escândalo pelo

⁴ Analisando a poesia de António Botto, João Gaspar Simões assinala alguns aspetos relevantes: a presença do amor como o sentimento mais avassalador de todos, sobrepondo-se ao ódio, já que este é um sentimento deselegante e demasiado forte; a preferência do poeta pelo sexo masculino como objeto de amor, recorrendo à teoria de Adler (discípulo de Freud) para justificar a homossexualidade presente nos seus poemas como “uma modalidade, um disfarce, do seu instinto de conservação pessoal” (1931, p.207). Em *Retratos de poetas que conheci* (1974), alude não só ao sensacionalismo e escândalo em torno de *Canções*, como tece considerações sobre a polémica em que esteve envolvido e a sua postura e atitude, frisando que, na época, causaram perturbação, mas que, à data da sua análise, seriam consideradas uma banalidade. Na verdade, tendo-se editado este livro em 1974, a homossexualidade e o homoerotismo eram ainda encarados com desconfiança e preconceito, não constituindo, afinal, uma situação tão trivial como transparece nas palavras do autor. Mais recentemente, a professora e investigadora Anna M. Klobucka tem desenvolvido o estudo sobre a sua vida e obra, tendo já publicado diversos ensaios, artigos e livros, enfatizando que Botto esconde ou afasta a sua homossexualidade. Nota também que adotava uma postura pública de exposição e chamada de atenção sobre si próprio excessiva que acabava por causar o distanciamento daqueles que o rodeavam. Caracterizando esta atitude como “gay and proud” (2009, p.66), Klobucka coloca uma nova hipótese: Botto autoinventou-se “como uma espécie de ícone gay, mas também construiu ao seu redor uma complexa realidade virtual, à escala internacional senão global, em que pôde prosperar plenamente como tal e em que a sua poesia homoerótica e a sua imagem de homossexual praticamente assumido não provocavam nem escárnio nem titilação, mas tão-somente admiração e respeito inquestionáveis” (*ibidem*).



simples facto de ter como base estética o culto do belo, na senda do pensamento e do ideal gregos, cuja importância do culto do corpo masculino era absolutamente central. Contudo, no nº 4 da mesma revista, o jornalista e crítico Álvaro Maia responde a Pessoa censurando a sua postura e o teor imoral e indecente desse tipo de obra e autores:

Mas, por ventura os individuos que, pathologicamente, se desviam da contemplação da beleza masculina e se deixam levar pela onda ascorosa do desejo invertido, porventura esses serão estetas, no sentido insofismável da palavra? (...) Se os estetas de que nos fala o sr. Pessoa não passam, afinal de contas, de rebotalhos d'uma geração (...) para que demonio vir a publico com a apologia indecorosa dum livro que só tem de especial o ser (...) uma porcaria?⁵ (1922, p. 32-34).

Esta acesa troca de palavras entre Maia e Pessoa despoletou mais reações e posicionamentos de diferentes personalidades do meio literário, atingindo grandes proporções. Dentro do grupo modernista, o filósofo e escritor Raul Leal, que deu a conhecer em *Orpheu 2* o conto “Atelier”, e que se identificava intimamente com o futurismo, também se envolveu na polémica e, em 1923, na editora Olisipo (que pertencia a Fernando Pessoa), publicou *Sodoma divinizada*⁶, que viria a tornar-se a sua obra mais conhecida. Para além da defesa de Pessoa e da divinização da luxúria, Leal aborda o erotismo, colocando-o no mesmo plano do culto estético, aliando-o ao conceito de vertigem, que explora amplamente (*cf.* LEAL, 1989), contestando desta forma as críticas de imoralidade e devassidão apontadas por Álvaro Maia. Judith Teixeira dedicou-se à escrita de *Decadência*, que vem a público em 1923, não se envolvendo nesta troca de acusações direta. A polémica subiu ainda mais de tom quando o porta-voz da Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa, Pedro Teotónio Pereira, se manifestou exigindo a retirada e destruição destas três obras (*Canções, Sodoma divinizada e Decadência*), considerando o seu carácter perverso, obsceno e indecente. Ana Maria Binet (2017) assinala o facto curioso de a reação às obras desta polémica partirem essencialmente de um público jovem e não idoso, como seria expectável. Segundo o jovem Pedro Teotónio Pereira,

Dentro do país surgiram de repente meia dúzia de livros de homens e de mulheres já nesse tempo havido por muito estranhos, e tiveram lugar várias

⁵ As citações de revistas e periódicos da época mantêm a grafia original.

⁶ A propósito deste opúsculo, e no âmbito do já mencionado centenário da *Literatura de Sodoma*, Fabio Mário da Silva analisa alguns dos textos de Raul Leal que se focam no comentário ao livro de António Botto e à sua defesa, salientando que não só defende “o conteúdo da obra do seu amigo” como marca “(...) as suas ideias sobre a mística, sobre Deus e sobre os conceitos pejorativos na altura, como luxúria, pederastia, erotismo e vertigem, procurando ressignificar cada lexema” (2023, s/pág.), considerando-os fundamentais para a reflexão sobre a literatura portuguesa com conteúdo queer e os seus desdobramentos.



manifestações que davam a impressão de se estar ensaiando o terreno para mais ousados cometimentos (1972, p.40).

Após a ação deste organismo estudantil, os periódicos assumem um lugar de centralidade na discussão deste escândalo que se abateu sobre a sociedade portuguesa, manifestando também o seu posicionamento. Na edição de 28 de fevereiro de 1923, o editorial do *Diário de Notícias* apoia a Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa, classificando as obras como sórdidas e negando-se a fazer-lhes referência, bem como aos seus autores.

A consulta dos arquivos do jornal *A Capital* mostra-se profícua em relação à pesquisa de dados sobre esta questão. A edição de 3 de março de 1923 conta com uma referência: “Literatura imoral – à polícia foi dada ordem para serem apreendidas as edições de mais livros, tidos como literatura imoral” (1923, p. 2). Dois dias depois, a edição de 5 de março revela não só a apreensão dos livros, mas também a iniciativa de “vultos conhecidos na política, artes e letras” (1923, p. 2) para tentarem demover o chefe distrital desta resolução, bem como, em oposição, a presença de três centenas de alunos no Governo Civil que “em nome da Academia de Lisboa manifestaram ao sr. governador civil o seu aplauso pela apreensão dos livros acima referidos e prometeram prestar ao major sr. Viriato Cabo todo o seu apoio a fim de que tais apreensões se intensifiquem” (*ibidem*).

A juntar ao facto noticioso, nesta edição publica-se o “Manifesto da Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa”, que defende claramente a necessidade de retirar de circulação tais obras, colocando-se a favor de valores alicerçados numa moralidade rígida e retrógrada e que pouco se relacionam com a criação literária e artística:

Sodoma ressurge nos livros e nos escritores, nos espíritos e nos corpos.
Atingiu-se a última abominação, aquela que nas tradições bíblicas fazia
chover o fogo do céu.

Urge a reacção pronta e implacável. À frente dela se levanta a nossa
mocidade forte e resoluta. Nas nossas mãos brandimos ferro em brasa que
cicatrizas as chagas.

A quem manda, nós apontamos hoje a necessidade imperiosa de fazer
justiça. É preciso que os livreiros honrados expulsem das suas casas livros
torpes. É necessário que os adeptos da infâmia caiam sob a alçada da lei, que
um movimento enérgico de repressão castigue em nome bem público.

Que a justiça venha implacável (*ibidem*).

Na edição do dia 15 de março, a coluna “O que se escreve”, assinada por Luís d’Oliveira Guimarães, faz referência à apreensão dos livros, frisando que a atmosfera em torno deste caso aguça a curiosidade dos leitores, questionando-se acerca de definição de



livros imorais: “Um livro imoral é quasi sempre um livro em que os leitores completam demasiadamente o pensamento do autor” (1923a, p. 1).

Saliente-se que sejam opiniões de especialistas e personalidades do mundo das artes e letras ou sejam opiniões de leitores do jornal, a discussão em torno desta polémica durante o mês de março do ano de 1923, em *A Capital*, mantém-se, como corrobora a posição de António de Monsanto, na edição de 22 de março, na qual defende veementemente a necessidade de uma política de *higienização moral* no que concerne a este tipo de manifestações literárias. No entanto, realça que “nem o sr. Governador Civil nem o próprio Governo têm a competência, a cultura e a coragem intelectual necessárias para realizar tão arrojado e difícil empreendimento” (1923, p. 1), fazendo uma breve análise de cada autor e obra apreendidos. Enquanto que sobre *Sodoma divinizada* revela repugnância, classificando-a de “aborto literário”, sobre *Canções* não tece qualquer comentário, uma vez que não conhece o seu conteúdo. Já sobre *Decadência*, assevera que a sua proibição só pode ter como justificação um mal-entendido “ou então a um excesso de zêlo tanto mais absurdo e vexatório quanto é certo ir atingir directamente uma senhora” (*ibidem*), elogiando o seu trabalho poético e a elegante edição gráfica apresentada, sem deixar de apontar alguns pontos negativos –

A sr.^a D. Judith Teixeira, não sendo uma poetisa no profundo sentido que se encerra nesta palavra, revela-se contudo um belo espírito de artista a libertar-se de influências nocivas e mórbidos decadentismos, para erguer a sua Arte num horizonte desensombrado cheio de claridades onde a inspiração floresça e cante cristalina, pura, límpida como o líquido marmórico das fontes adormecidas a despertar (*ibidem*).

Simultaneamente, e retomando a troca de palavras entre Álvaro Maia e Fernando Pessoa, desta vez o direito de resposta do poeta de *Orpheu* envolve o seu heterónimo Álvaro de Campos, autor de “Aviso por causa da moral”:

Bolas para a gente ter que aturar isto! Ó meninos: estudem, divirtam-se e calem-se. Estudem ciências, se estudam ciências; estudem artes, se estudam artes (...). Divirtam-se com mulheres, se gostam de mulheres; divirtam-se de outra maneira, se preferem outra. Tudo está certo, porque não passa do corpo de quem se diverte (*apud* LEAL, 1989, p.103-104).

A receção à obra de Judith Teixeira é francamente positiva. A edição de 16 de fevereiro do jornal *O Século* referira aspetos como a “excelente impressão” deixada pelo livro, a “elegantíssima apresentação” (frequentemente elogiada) e um comentário aos versos “vibrantes de côr, trabalhados de uma maneira requintada”. No entanto, destaca a “plena



liberdade de estro pouco vulgar em poetizas” (s/a, 1923, p. 2), o que não impede de prever um “perfeito exito” à poetisa e ao seu trabalho. No campo das revistas, na *Ilustração Portuguesa* (nº 889), afirma-se a evidência do seu talento literário, mas criticam-se as temáticas e abordagens através do comentário “ganharia em procurar mais alta e pura inspiração” (1923, p. 286).

A par de *A Capital*, também o *Diário de Lisboa* é uma fonte fértil na recolha de informação sobre a receção da obra e os meandros da polémica. Se na edição de 3 de março de 1923 se publicam alguns dos poemas de *Decadência*, na edição do dia 6 a autora é entrevistada, abordando a apreensão dos livros⁷. Judith Teixeira apresenta-se serena e ironiza: “confiada em que o equívoco se vai desfazer, porque, sobre nenhum aspecto, o meu livro merece tamanha celebridade” (1923, p. 5). Durante o mês de maio, Judith Teixeira e os seus livros – entretanto o segundo, *Castelo de sombras*, foi publicado e distribuído nas livrarias – estão no centro das atenções de periódicos e revistas. Na coluna acima mencionada de *A Capital*, na edição de 19 de maio, Luís d’Oliveira Guimarães escreve:

O livro de versos da sr.^a D. Judith Teixeira, «Decadência», que na sua luxuosa edição e com uma capa vistosa de Carlos Porfírio, se abre diante meus olhos, neste instante, é uma curiosa confirmação de espírito literário e mundano. Sem estar absolutamente de acordo com certas conclusões de Judith Teixeira, algumas delas tocadas – como direi – tocadas de um vago paganismo lírico, outras ainda repassadas do pessimismo e decadência. (...) isso não quer dizer que não reconheça no livro da ilustre poetisa sobretudo um curioso sentimento de elegância que me apraz constatar.

Seguramente seria mil vezes preferível que a sr.^a D. Judith Teixeira pusesse a sua arte a sua distinção ao serviço de uma obra menos decadente e menos triste e cantasse, em vez da morte, a sua mocidade radiosa e triunfante, mas cada um é senhor do seu coração e dos seus versos e longe de mim a ideia de converter, embora na piedosa intenção de espalhar a felicidade sobre a terra, o triste jardim de goivos da arte de Judith Teixeira num alegre jardim de rosas. Depois, quem nos dirá a nós que a eminente poetisa não prefere os goivos pela simples razão de que lhe vao melhor à pele? (1923b, p. 1).

⁷ A acompanhar a polémica da apreensão dos livros, encontram-se, nos diferentes periódicos, notícias relacionadas, como exemplificam uma carta do leitor Joaquim Ferreira, na edição de 4 de abril de 1923 d’*A Capital*, pedindo a proibição do baile das sopeiras em Lisboa e solicitando intervenção para encerrar estes “antros de depravação” onde “há raparigas que teem deixado a honra e tantas outras que a teem constantemente ameaçado” (1923, p. 2) e ainda a resposta a esta questão, a 7 de abril, no mesmo jornal: o Governo Civil atendeu ao apelo deste leitor e garantiu o encerramento destes bailes, contando com a pressão da Liga Pro Moralidade Pública.



Dois dias depois, a 21 de maio, Judith Teixeira, no *Diário de Lisboa*, comenta o lançamento de *Castelo de sombras*, mas alude também ao escândalo ocorrido dois meses antes:

E quem será (...) que possuirá aquela segura, absoluta autoridade e valor, quasi a inspiração divina, que eu entendo indispensável ao censor? Se a maior parte dos que nos deturpam pudessem conhecer as injustiças que cometem e a desilegancia das suas acções, eu creio que se arrependeriam... (1923, p.5).

A *Revista Portuguesa* de 24 de março integra uma entrevista com a poetisa na qual José Dias Sancho alude ao meio preconceituoso que constitui a sociedade portuguesa, registando a dificuldade de “criar-se numa alma de mulher esse espírito de liberdade de independencia que é o grande fundo dos seus versos” (1923, p. 16).

Por sua vez, Luís d’Oliveira Guimarães volta a utilizar o seu espaço n’*A Capital* de 26 de maio para dedicar algumas palavras abonatórias a *Castelo de sombras*:

já hoje tenho, perto de mim, um novo livro de versos da elegante poetisa, a quem presto a minha homenagem pelas suas invulgares qualidades de trabalho. Ao contrário de Beatriz Delgado, a arte poética de Judith Teixeira procura ser mais intelectual e mais profunda. (...) a autora de «Decadência» vai mais além e procura descortinar as matérias da alma. Entretanto, eu cometeria uma flagrante injustiça se não dissesse que o segundo livro de Judith Teixeira marca sobre o primeiro um triunfo incontestável. (1923c, p. 1).

A partir destes testemunhos, confirma-se a receção literária positiva da sua obra. No entanto, sendo a censura uma ferramenta tão robusta, muito poucos são os que se manifestam publicamente a seu favor. A autora contou, à época, com o apoio de Aquilino Ribeiro, mas não com o de Pessoa, de Botto ou de qualquer um dos outros artistas de *Orpheu*. É no *Diário de Lisboa* de 20 de julho de 1923 que Aquilino Ribeiro firma a sua posição: “Abaixo a censura exercida deste modo. Esta censura que apreendeu o livro da sr.^a Judit Teixeira, que é uma poetisa de valor, o livro de António Boto que é um dos nossos maiores líricos, que proibiu «Mar Alto»⁸ é vincadamente odiosa” (1923, p. 4).

⁸ Para além das três obras literárias, o Governo Civil suspendeu a exibição de *Mar alto*, de António Ferro, posteriormente nomeado chefe do Secretariado de Propaganda Nacional do Estado Novo. A peça teatral viajou além-fronteiras, tendo sido apresentada no Brasil, onde foi fortemente aplaudida, como dá conta a notícia da sua estreia na edição de 6 de março de 1923 no jornal *A Capital*. Também Fernanda de Castro, viúva do autor, comenta, nas suas memórias, a sua proibição por motivos de perturbação de ordem pública (CASTRO, 1988). Esta ação proibitiva contou com a reação de diversos escritores portugueses através de um abaixo-assinado. Desse grupo fazem parte, entre outros, nomes como Fernando Pessoa, Mário Saa, Aquilino Ribeiro ou Raul Brandão.



Pessoa posiciona-se a favor de António Ferro, entra numa ácida troca de palavras com Álvaro Maia, envolve Álvaro de Campos na polémica para sair em defesa de António Botto e do cariz explicitamente homoerótico de *Canções*. Todavia sobre Judith Teixeira apenas comenta, numa carta dirigida a Adriano del Valle de 23 de abril de 1924: “não penso, de todo, na Judith Teixeira, que não tem lugar, abstracta e absolutamente falando” (1998b, 40). Desta forma, o poeta de *Orpheu* afasta Judith Teixeira do panorama literário português, esquecendo a similaridade entre o seu livro e o de António Botto na abordagem da temática homossexual, verificando-se uma profunda clivagem no tratamento dirigido a cada um. Raul Leal sofre menos esta censura, uma vez que estava em Paris, distanciado do núcleo do escândalo (ALMEIDA, 2010).

É curioso notar que tanto Judith Teixeira como António Botto faziam parte do mesmo círculo social e cultural, contactando e convivendo com diferentes artistas seus contemporâneos. Numa carta de 31 de agosto a Adriano del Valle, no período posterior à polémica de 1923⁹, Pessoa revela que António Botto encontrou Lasso de la Vega em casa de Judith Teixeira (PESSOA, 1998b), facto que comprova que este frequentava a casa da poetisa. No entanto, o preconceito de que ela foi alvo ser uma mulher que escrevia poesia de temática sáfica e a ténue ligação aos poetas de *Orpheu* ditaram o seu afastamento e exclusão, apesar de ter uma presença de relevo no meio artístico e cultural português, como atestam a sua presença frequente em revistas literárias, a publicação e divulgação dos seus poemas nos periódicos e revistas literárias nacionais e ainda o cargo de chefia editorial de *Europa*. Anos mais tarde, também José Régio e, por extensão, a geração da *Presença*, desvalorizou Judith Teixeira. No manifesto “Literatura viva”, a poetisa é menorizada em prol de Botto e lê-se que “todos os livros de Judith Teixeira não valem uma canção escolhida de António Botto” (1977, p. 20).

Ainda que se salientem estes aspetos da comparação entre ambos os poetas por se evidenciar uma diferenciação no seu tratamento devido a questões de género, não deixe de se sublinhar que António Botto também sofreu consequências na sua vida pessoal e profissional, chegando a ser despedido do seu cargo de funcionário público devido a comportamentos

⁹ No ano de 1923, para além da polémica envolvendo a apreensão do seu livro, António Botto estivera implicado no escândalo do Baile da Graça, um evento exclusivo a homens que apreciavam o travestismo e que escandalizou a sociedade portuguesa, especialmente a lisboeta. São José Almeida, para além de contar este caso, refere também, nos anos 50 do século XX, o escândalo que envolveu o assassinato de Carlos Burnay, cujo processo é mandado encerrar e abafar por António de Oliveira Salazar (ALMEIDA, 2011) por colocar em causa altas figuras e personalidades da alta sociedade portuguesa que escondiam a sua homossexualidade e a frequência de festas privadas onde havia orgias e outras práticas do foro sexual.



considerados inadequados relacionados com a sua homossexualidade. Este episódio levou-o para o Rio de Janeiro, onde viveu na miséria e morreu tragicamente atropelado (cfr. KLOBUCKA, 2011), em 1959, numa altura em que o seu índice de popularidade em Portugal era já baixo, embora tivesse sido – mesmo envolvido em escândalos – um poeta muito conhecido e com grande aceitação por parte do grupo de intelectuais portugueses (SENA, 1988). Ainda assim, Paulo Drummond Braga comenta:

O «caso» Judith Teixeira tem de ser visto a uma dupla luz: em primeiro lugar, estava-se numa época particularmente interessante a nível de algum desafio, por parte da mulher, às convenções dominantes, com um suporte mais ou menos cultural. (...) Por outro lado, vivia-se, como nunca, em Portugal, uma reacção de pendor moralista à tolerância relativa em anos anteriores (2011, p. 102).

A segunda polémica em que Judith Teixeira se envolveu foi a título individual e contribuiu amplamente mais uma vez para a sua alienação do meio literário português e relaciona-se com a publicação do seu terceiro livro de poesia *Nua. Poemas de Bizâncio* (1926). À semelhança de *Decadência*, também esta obra foca o lesboerotismo e privilegia o feminino nas suas múltiplas vertentes, facto que expressa incontestavelmente a resistência da autora à censura que lhe foi exercida, desafiando de novo os princípios de moralidade e mostrando que a lição que as autoridades lhe pretenderam dar ao apreender e destruir a sua obra três anos antes, afinal, não teve o efeito desejado.

Foi, sem dúvida, o preconceito que existia na sociedade portuguesa o responsável pela sua segregação (PITTA, 2010), frisando-se a importância do ano de 1926 em termos políticos em Portugal, já que assinala uma mudança relevante no poder político. Durante a década de 20, e com as dificuldades pelas quais a República passou, bem como com a grande instabilidade que se fez sentir, alguns setores da sociedade manifestaram-se a favor de um regime mais robusto e autoritário, influenciados também pelos contextos políticos de Espanha e Itália, onde a ditadura havia já espalhado as suas raízes. Assim, a 28 de maio de 1926, instaurada a Ditadura Militar, foram tomadas múltiplas medidas que se foram agravando ao longo desse ano e no seguinte, como é o caso da censura na imprensa, que, aliás, foi alvo de polémica e turbulência, como atesta a consulta das edições de *A Capital*. A partir de 24 de junho de 1926, o jornal passa a ser acompanhado por uma nota referente à sua revisão por parte da Comissão de Censura, observando-se diferenças significativas relativamente aos assuntos noticiados.



No entanto, nos meses que antecederam esta mudança política, o terceiro livro de Judith Teixeira mais uma vez recebeu, por um lado, grandes louvores e, por outro, sofreu com o preconceito, iniciando-se deste modo uma nova polémica. A edição de 5 de maio de 1926 de *A Capital*, na secção referente a livros novos, revela:

Deve ser posto por estes dias à venda um novo livro de versos da interessante poetisa sr.^a D. Judit Teixeira, cujo primeiro livro «Decadência» tão discutido e exaltado foi. O novo trabalho da sr.^a D. Judit Teixeira intitula-se «Nua» e está destinado a um êxito colossal (1926, p.1).

Também a revista *Contemporânea* anuncia o seu lançamento, no nº 11, ao publicar o poema “A cor dos sons”. Já na edição de 19 de junho, o *Diário de Lisboa* publica alguns dos poemas que constam da obra, comentando o seu valor –

Os seus versos, demasiadamente íntimos e sinceros, refletem uma verdade caprichosa, de curvas sensuais, onde a volúpia é ligeira como o aroma dos nardos. (...) Mas são os seus próprios defeitos que o tornam interessante, vívido, palpitante. Melhor do que qualquer elogio – as transcrições que abaixo publicamos demonstram o valor da obra (1926, p.3).

–, da mesma forma que a edição de 21 de junho de *A Capital* enaltece o seu trabalho:

Há neles [nos versos] um gosto, um esmero e uma elegância raras. (...) Judite Teixeira, poetisa-artista, diz-nos das suas emoções e dos seus afetos, conta-nos numa linguagem rica de imagens, muito variada e harmoniosa (...) Algumas composições são invulgarmente brilhantes, marcando um forte temperamento artístico e afirmando uma figura distinta na nossa literatura poética. «Nua» tem de tudo: espírito, carne – e sonho (1926, p. 1).

Por outro lado, nem todas as palavras dirigidas a Judith Teixeira e ao seu trabalho reuniram consenso e, por isso, o ainda jovem Marcello Caetano que, décadas mais tarde seria a figura máxima do Estado Novo, assinou o texto “Arte sem moral nenhuma”, publicado na revista *Ordem Nova* de junho-julho de 1926, onde não só comentou o recente livro como a polémica vivida três anos antes. O seu texto é revelador do desdém e repulsa por autores cujo trabalho incidia tematicamente sobre a sexualidade e o erotismo, chegando mesmo a ser injurioso para com Judith Teixeira:

Houve já uma inundação parecida, aqui há uns anos, quando um tal de sr. Raul Leal publicou um opúsculo intitulado *Sodoma Divinizada*, que nas montras era ladeado pelas *Canções* de um tal de António Bôto e por um livro de grande formato intitulado *Decadência*, duma desavergonhada chamada Judit Teixeira. (...) Osomensinhos e as mulhersinhas dispensaram-nos por algum tempo das náuseas que forçosamente causa a um homem normal a vista (...) do seu cibo espiritual. Mas voltaram agora. (...) O que é pior é que estas manifestações de pouca vergonha nem sequer têm uma forma decente; (...) Tudo aquilo é mesquinho, é ordinário e reles (1926, p. 156-157).



É desta forma que Caetano rotula o trabalho poético da poetisa, recusando-se terminantemente a considerá-lo uma manifestação artística, numa postura que é reveladora dos princípios retrógrados e inflexíveis que norteavam a sociedade portuguesa, afastando e condenando o que escapava às suas coordenadas. Na verdade, é sobretudo uma prova incontestável do postulado da moral enquanto critério primeiro de avaliação de uma obra de arte (literária, neste caso) e da convicção da sua validade para o efeito (o que não é, logicamente, verdade nem aplicável). A hostilidade e agressividade de alguns meios de comunicação são dirigidas diretamente à autora, como confirma o artigo do jornal *Revolução nacional*, periódico ligado ao regime e que refere o livro de Judith Teixeira como “uma das vergonhas sexuais e literárias” (1926, p. 1). Note-se que o mesmo se recusou a publicar o seu direito de resposta, cabendo ao *Diário de Lisboa* de 26 de junho de 1926 permitir-lho: “Tendo dirigido à *Revolução nacional* uma carta de legítima defeza, contra uma atitude hostil que aquele jornal tomou contra os meus trabalhos literários, foi-me ali negada a publicação da referida carta, contra todas as praxes jornalísticas” (1926, p. 8).

Judith Teixeira, consciente da perseguição de que estava a ser alvo, afirmou:

trata-se sim de misturar o meu nome e o meu trabalho com juízos políticos a que eu desejo ser absolutamente estranha. Digam V. Ex.as que a minha obra é imprestável, mas digam também V. Ex.as com serenidade e com autoridade que não serei eu que lhes conteste, os motivos em que filiam a crueldade da sua crítica. Mas, pelo amor de Deus, não me arrastem para o campo agreste e desvairado da política em que sinto por completo ignorante e deslocada (*ibidem*).

Ultrapassando mais uma vez a política e situando-se verdadeiramente no campo da moral, foi perpetrada à autora uma circunstância de humilhação pública em larga escala com a publicação de uma caricatura sua no semanário humorístico lisboeta *Sempre fixe*, onde foi retratada nua (à semelhança do título do seu livro), gorda e disforme sob o título “Viande de paraître”, ao qual se seguia uma paródia ao seu poema “A bailarina vermelha”, onde se lia “Ela pena,/Entornando suor,/A desfazer-se em banha” (*apud* TEIXEIRA, 1996, p. 15).

Por sua vez, a 2 de julho, no periódico *Revolução nacional* surge a resposta à carta de Judith Teixeira num texto não assinado que a insulta ferozmente e desvaloriza o seu trabalho e a sua condição de mulher:

nem é mulher nem é artista. Imagina que o é, mas na verdade, verdade, não é. Como mulher, se o fosse, jámais teria consentido na publicação de autenticas porcarias sexuais trescalando ao môrno fatum d’alcova, boas somente para certos correccionais da Brasileira ou para velhos de já



consabidos vícios. (...) também V. Ex.^a se julga artista lá porque poz em rima os casos da sua alcova (1926, p.4).

Ambas as atitudes comprovam categoricamente o tabu em torno da sexualidade e a sua exclusão dos campos social e literário por razões morais, não havendo, então, espaço para que uma mulher pudesse falar sem pudor sobre erotismo, desejo e prazer numa lógica homoerótica e homossexual, confundindo-se frequentemente a biografia da autora com o conteúdo do seu trabalho poético. Recorde-se igualmente o facto de Judith Teixeira começar a publicar depois dos quarenta anos e de a sua idade constituir mais um fator de preconceito, de troça e enxovalho públicos.

Nesta sequência, a autora socorreu-se da escrita para esclarecer qualquer dúvida sobre estas questões polémicas e sobre as bases e coordenadas da sua poética. *De Mim. Conferência. Em que se explicam as minhas razões sobre a Vida, sobre a Estética, sobre a Moral* (1926) funciona como o seu manifesto estético-literário apoiado na máxima “La luxure est une force”, que sustenta o *Manifesto Futurista da Luxúria*, de 1913, de Valentine de Saint-Point, uma das poucas figuras femininas ligadas ao Modernismo.

Envolvida em duas grandes celeumas no espaço de três anos, Judith Teixeira viu-se obrigada a explicar a sua transgressão que consistia, afinal, em afirmar, reafirmar e não silenciar a sua voz e a sua atitude poética. Numa alusão explícita aos insultos que lhe foram dirigidos por Caetano e pela *Revolução nacional*, refere que a “compreensão vulgar” a apontou como “imoral e dissolvente” (TEIXEIRA, 2015, p. 282). E afirma:

Quero confessar, pois à vossa inteligência, que toda a luxúria em que ritmei certas atitudes nos meus poemas representa sobretudo a forma mais pomposa e elegante que poderia corresponder a uma atitude interior mais comandada pela Arte do que pelos avisos duma moral que uma sociedade se cansa em recomendar aos outros à força de a infringir (*ibidem*).

O seu verdadeiro interesse, admite, é a sublimação, uma vez que só assim ascenderia a um nível superior onde não poderia ser alcançada. Catherine Dumas assinala o círculo privilegiado de relações e contactos de Judith Teixeira que lhe permitia “fugir do círculo fechado e misógino de Orpheu”, podendo apresentar uma alternativa aos princípios artísticos deste grupo, bem como a dimensão performativa que atravessa este texto (2017, p. 136).

Não existindo até à data mais dados sobre esta polémica, sabe-se apenas que quando *Satânia* foi publicado não se encontrava no país, em 1927, conforme dá nota num pequeno texto que integra o livro. Nesse ano, a edição de 15 de agosto do *Diário de Lisboa* integra um



texto de Armando Vasconcelos de Carvalho sobre a literatura moderna, referindo-se aos poetas da nova geração e incluindo Judith Teixeira, revelando que ela é a sua “melhor poetisa portuguesa” (1927, p. 2).

Desta forma, sai da cena literária, não existindo quaisquer outros registos sobre o seu trabalho. A consulta de antologias e dicionários de literatura do século XX espelha igualmente o seu desaparecimento. Em *Escritoras de Portugal* (BARROS, 1924), *Poetisas de hoje* (SAMPAIO, 1931), *Breve história da literatura portuguesa* (LOPES/ MARTINS, 1945), *Breve dicionário de autores portugueses* (AA.VV., 1985) e no *Dicionário de literatura* (COELHO, 1997) não há qualquer referência ao seu nome. Apenas no *Dicionário cronológico de autores portugueses – vol. III* (LISBOA, 1990-1997) e no *Dicionário de literatura portuguesa – vol. II* (MACHADO, 1996) há um verbete dedicado à autora e, mais recentemente, integra o *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo português* (MARTINS, 2008) e o *Dicionário de Florbela Espanca*¹⁰. Note-se também o desejo de Ana Luísa Amaral e de Marinela Freitas em incluir os seus poemas na antologia *Do corpo: outras habitações: identidades e desejos outros em alguma poesia portuguesa* (2018), não tendo sido possível fazê-lo por questões relacionadas com direitos de autor.

Tendo manifestado publicamente a assunção e defesa de uma sexualidade livre e sem preconceitos nem tabus pela via literária, a figura de Judith Teixeira apagou-se na sociedade. A transgressão e subversão dos códigos que regiam cada género não só não foram bem recebidas como não foram aceites pela moral vigente regulada por um padrão heteronormativo e pelo domínio do patriarcado. Apesar de alguns elementos do seu imaginário poético terem contribuído para o lugar periférico e marginal em que foi colocada, as verdadeiras razões prendem-se, como se pôde verificar, com critérios de índole moral, sublinhando-se a *imperdoável* afronta que a sua postura e a sua obra testemunham no contexto da década de vinte do século transato e que lhe valeram, de forma pública e profundamente exposta, o rótulo de *desavergonhada*. Exatamente um século após a publicação da sua obra de estreia, permanece «uma poetisa de valor».

¹⁰ No prelo.



REFERÊNCIAS

- S/a. A moral no teatro. O que diz o escritor Aquilino Ribeiro. Diário de Lisboa, p.4, 20 de julho 1923.
- AA.VV. Breve dicionário de autores portugueses. Organização de António M. Couto Viana. Lisboa: Verbo, 1985.
- S/a. A poetisa Judith Teixeira fala-nos da sua Arte e das suas intenções. Revista Portuguesa, nº 3, p.16-18, 24 de março 1923.
- ALMEIDA, S. J. Homossexuais no Estado Novo. Porto: Sextante Editora, 2010.
- ALONSO, C. P. Estudo introdutório. In TEIXEIRA, J. Poesia e prosa. Organização e notas de Cláudia Pazos-Alonso e Fabio Mario Silva. Lisboa: Dom Quixote, 2015. p.21-38.
- AMARAL, A. L.; FREITAS, M. Do corpo: outras habitações: identidades e desejos outros em alguma poesia portuguesa. Lisboa: Assírio & Alvim, 2018.
- S/a. Apreensão de livros. A Capital, p.2, 5 de março 1923.
- BARROS, T. L. Escritoras de Portugal. Lisboa: S/ed., 1924.
- BINET, A.M. Judith Teixeira (1880-1959) ou o primeiro Modernismo português no feminino. In Judith Teixeira: ensaios críticos. No centenário do Modernismo. Organização de Fabio Mario da Silva, Annabela Rita et alli. Viseu: Edições Esgotadas, 2017, p.33-41.
- BONILHA, J. Europa, de Judith Teixeira e o Almanaque das Senhoras (1870-1928): reflexões sobre mulher e literatura. In Judith Teixeira: ensaios críticos. No centenário do Modernismo. Organização de Fabio Mario da Silva, Annabela Rita et alli. Viseu: Edições Esgotadas, 2017, p.273-286.
- BRAGA, P. D. Filhas de Safo: uma história da homossexualidade feminina em Portugal, Alfragide: Texto Editores, 2011.
- CAETANO, M. Arte sem moral nenhuma. Ordem nova, nº 4-5, p.156-158, junho-julho 1926.
- CARVALHO, A.V. Duma conferencia acêrca da «Literatura Moderna». Diário de Lisboa, p.2, 15 de agosto 1927.
- S/a. Casa d'Orates – Doida sim e porque sim. Revolução nacional, p.4, 2 de julho 1926.
- S/a. Casa d'Orates. Padre Manso, o das moralidades. Revolução nacional, p.1, 21 de junho 1926.
- CASTRO, F. Ao fim da memória (memórias 1906-1939). Lisboa: Verbo, 1988.
- COELHO, J. P. Dicionário de literatura. Porto: Mário Figueirinhas, 1997.
- S/a. DECADENCIA, por Judith Teixeira. A Ilustração Portuguesa, nº 889, p.286, 3 de março 1923.
- S/a. Do livro «Nua» da poetisa Judith Teixeira transcrevem-se algumas poesias. Diário de Lisboa, p.3, 19 de junho 1926.
- DUMAS, C. De si em Artista, ou o Futurismo segundo Judith Teixeira em De mim. In Judith Teixeira: ensaios críticos. No centenário do Modernismo. Organização de Fabio Mario da Silva, Annabela Rita et alli). Viseu: Edições Esgotadas, 2017, p.133-144.



- FERREIRA, J. O baile das sopeiras. *A Capital*, p.2, 4 de abril 1923.
- GUIMARÃES, L. O. O que se escreve – aspectos literários: o delírio do livro velho – a reacção contra certos livros novos. *A Capital*, p.1, 15 de março 1923a.
- GUIMARÃES, L. O. O que se escreve e o que se lê. *A Capital*, p.1, 19 de maio 1923b.
- KLOBUCKA, A. A invenção do eu: apontamentos sobre a vida virtual de António Botto. forma breve – homografias: literatura e erotismo. *Aveiro*, nº7, p. 63-80, 2009. Disponível em <https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/article/download/6469/4765>. Acesso em: 04 junho 2019.
- KLOBUCKA, A. António Botto’s impossible queerness of being”. In DIX, S.; PIZARRO, J. (ed.). *Portuguese Modernisms – multiple perspectives on literature and the visual arts*, Leeds: Legenda, 2011, p.110-121.
- LEAL, R. *Sodoma divinizada*. Organização de Aníbal Fernandes. Lisboa: Hiena, 1989.
- LISBOA, E. *Dicionário cronológico de autores portugueses – vol.III*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1990-1997.
- S/a. *Literatura imoral*. *A Capital*. p.2, 3 de março 1923.
- S/a. *Livros novos*. *A Capital*. p.1, 5 de maio 1926.
- S/a. *Livros novos*. *A Capital*. p.1, 21 de junho 1926.
- S/a., “*Livros Novos*. *O Século*. p.2, 16 de fevereiro 1923.
- LOPES, O.; MARTINS, J. *Breve história da literatura portuguesa*. Lisboa: Empresa Contemporânea de Edições, 1945.
- MACHADO, A. M. *Dicionário de literatura portuguesa – vol.II*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.
- MAIA, A. *Literatura de Sodoma – O sr. Fernando Pessoa e o ideal estético em Portugal*. Contemporânea, nº4, p-31-35, outubro de 1922.
- MARTINS, F. C. *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo português*. Lisboa: Caminho, 2008.
- MONSANTO, A. *Livros proibidos – a propósito de uma ordem do sr. Governador Civil*. *A Capital*, p.1, 22 de março 1923.
- S/a. *Nua*. *Poemas de Judith Teixeira*. *A Capital*, p.1, 21 de junho 1926.
- S/a. *O caso da apreensão dos livros e o que nos afirma D. Judith Teixeira*. *Diário de Lisboa*, p.5, 6 de março 1923.
- S/a. *O livro “Castelo de Sombras” – o que nos diz a sua autora D. Judith Teixeira*. *Diário de Lisboa*, p.5, 21 de maio 1923.
- OLIVEIRA, A. *Secreto é o ruído dos corpos: feminino e erotismo na poesia de Judith Teixeira, Yolanda Morazzo, Maria Teresa Horta e Paula Tavares*. 2021, 160 f. Tese (Doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2021. Disponível em <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/96378>. Acesso em: 22 junho 2023.



- PEREIRA, P. T. Memórias, postos em que servi e algumas recordações pessoais. Vol.I. Lisboa: Verbo, 1972.
- PESSOA, F. António Botto e o ideal estético em Portugal. Contemporânea, nº3, s/pág., julho 1922.
- PESSOA, F. Correspondência 1905-1922. Edição de Manuela Parreira da Silva). Lisboa: Assírio & Alvim, 1998a.
- PESSOA, F. Correspondência 1923-1935. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998b.
- PESSOA, F. Correspondência inédita. Organização de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Livros Horizonte, 1996.
- PITTA, E. Aula de poesia. Lisboa: Quezta Editores, 2010.
- S/a. Poemas, por Judith Teixeira. Diário de Lisboa, p.3, 3 de março 1923.
- PRATES, M. L. F., Maria Lamas (1893-1983) – uma participante na História da mentalidade feminina. 2010, 272 f. Tese (Doutoramento em Estudos Portugueses, Cultura Portuguesa do século XX) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010.
- RÉGIO, J. Páginas de doutrina e crítica da “presença”. Prefácio e notas de João Gaspar Simões. Porto: Brasília Editora, 1977.
- SAMPAIO, A. F. Poetisas de hoje. Lisboa: Diário de Notícias, 1931.
- SENA, J. António Botto. In Líricas portuguesas – vol.I. Lisboa: Edições 70, 1984. p.65-87.
- SENA, J. Estudos de literatura portuguesa. Vol. III. Lisboa: Edições 70, 1988.
- SILVA, F. M. Breves considerações sobre os antecedentes e subsequentes embates sobre a publicação de Sodoma Divinizada, de Raul Leal. Revista Via Atlântica. São Paulo, s/pág., 2023 (no prelo).
- SIMÕES, J. G. O mistério da poesia: ensaios de interpretação da génese poética. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.
- SIMÕES, J. G. Retratos de poetas que conheci. Porto: Brasília Editora, 1974.
- SOUSA, M. G. Judith Teixeira: originalidade poética e descaso literário na década de vinte. 2001. Dissertação (Mestrado em Estudos Portugueses) – Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2001.
- S/a. Uma carta da poetisa Judith Teixeira. Diário de Lisboa, p.8, 26 de junho 1926.
- TEIXEIRA, J. Poemas. Lisboa: & etc, 1996.
- TEIXEIRA, J. Poesia e prosa. Organização e notas de Cláudia Pazos-Alonso e Fabio Mario Silva. Lisboa: Dom Quixote, 2015.